



PROJETO “GÊNERO, LOUCURA E SEXUALIDADE” NA ESCOLA MARIA DA HORA: REFLEXÕES INTERDISCIPLINARES PARA O RECONHECIMENTO E RESPEITO ÀS MÚLTIPLAS EXISTÊNCIAS.



Amanda Rocha Lima ¹
Luiz Gustavo Barbosa Cruz ²
Francisco Weverton Paula dos Santos ³
Jéssica Martins Guedes ⁴

RESUMO

O artigo tem como objetivo apresentar o desenvolvimento e os resultados do projeto “Loucura, Gênero e Sexualidade”, realizado na Escola Municipal de Tempo Integral Maria da Hora, localizada no bairro Autran Nunes, em Fortaleza. O projeto foi desenvolvido em alusão ao mês do orgulho **LGBTQIAPN+** pelos bolsistas do PIBID de História, em parceria com alunas do Departamento de Psicologia, vinculadas à disciplina de Psicologia Educacional. A partir da interseccionalidade entre a abordagem terapêutica e o desenvolvimento da consciência histórica, o projeto buscou estimular o pensamento crítico e as habilidades artísticas dos estudantes, promovendo um espaço de diálogo, escuta, acolhimento e expressão sobre identidade, diversidade e saúde mental.

Palavras-chave: Interseccionalidade, Identidade, Diversidade, Saúde mental.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto do desenvolvimento e dos resultados do projeto “Loucura, Gênero e Sexualidade”, realizado na Escola Maria da Hora, localizada no bairro Autran Nunes, em Fortaleza. Em alusão ao mês do orgulho LGBTQIAPN+, o projeto foi desenvolvido em parceria com alunas do Departamento de Psicologia e teve como objetivo promover, por meio da articulação entre a **abordagem terapêutica, o pensamento crítico e as habilidades artísticas, um espaço de diálogo, escuta, acolhimento e expressão sobre identidade, diversidade e saúde mental.**

Nesse sentido, a escola em questão, por se tratar de uma instituição de tempo integral, representa para esses alunos o principal espaço de vivência durante grande parte de sua

adolescência e pré-adolescência, configurando-se como o ambiente onde são estabelecidas as principais noções de convivência e relação social. Considerando esse contexto, a proposta do projeto se articula a partir da noção de **pedagogia engajada, que parte do princípio da entrega mútua entre professores e alunos no processo de construção do conhecimento, compreendido como instrumento de transformação e libertação do sujeito no ambiente**

1 Graduando do Curso de **História** da Universidade Federal do Ceará - UFC, amandarchlima@alu.ufc.br;

2 Graduando do Curso de **História** da Universidade Federal do Ceará - UFC, lgustavocruzbarbosa@gmail.com;

3 Graduando do Curso de **História** da Universidade Federal do Ceará - UFC, weverton4140@gmail.com;

4 Mestrado pelo Curso de **História** da Universidade Federal - UFRN, jmartinsguedes@gmail.com;



escolar. Dessa forma, através da mobilização do projeto, este fundamento foi materializado na reflexão sobre a realidade a partir do respeito e da alteridade.

Além disso, a interdisciplinaridade com a Psicologia, enquanto ferramenta de conhecimento e expressão, viabilizou a ampliação do horizonte de aprendizagem e de troca naquele momento, fortalecendo ainda mais a horizontalização do diálogo com os alunos. Esse diálogo, construído desde a idealização até o encerramento do projeto, contribuiu para o aumento da adesão e do interesse de todos os envolvidos.

Portanto, partindo do contexto historicamente construído para os corpos periféricos, atividades como essa buscaram promover a humanização da comunidade escolar e nutrir o engajamento em prol de uma sociedade mais igualitária e menos violenta. Assim, a vivência partilhada estabeleceu pontes para a construção de um pensamento transgressor em relação aos ideais impostos sobre os temas centrais. A atividade mostrou-se fundamental para a transformação das práticas sociais, ao reconhecer o aluno como parte integrante da sociedade e atento aos atravessamentos relacionados ao tema, promovendo reflexões sobre as origens dos estigmas e sobre a potencialidade desses corpos como agentes de transformação e nutrição social.

METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida no projeto apresenta uma abordagem qualitativa de caráter participativo. Fundamentada na hermenêutica, ela volta-se à interpretação dos sentidos construídos nas interações entre alunos, professores e colaboradores no contexto do projeto “Loucura, Gênero e Sexualidade”. Articulando a interdisciplinaridade entre História e Psicologia, buscou-se compreender os discursos expressos e as experiências compartilhadas

pelos estudantes, investigando a partir de quais referências, contextos e vivências essas falas se estruturam e considerando elementos como escuta, acolhimento, fala, movimento e arte.

A partir dessa escuta ativa, foi possível captar múltiplas camadas de significados que emergiram dos encontros realizados, os quais, por meio da troca entre os envolvidos, ampliaram os conhecimentos da comunidade escolar sobre identidade, diversidade, loucura,





exclusão e potências. A metodologia adotada permitiu trabalhar as interseccionalidades que atravessam o tema central do projeto, assim como os contextos históricos que sustentam os discursos sobre essas questões.

A organização do projeto foi inicialmente conduzida pela coordenação da escola e, posteriormente, em parceria com os alunos do grêmio estudantil. Em diálogo com os gremistas, foi exposto o interesse em desenvolver uma ação em alusão ao mês do orgulho LGBTQIAPN+, nesse sentido, a partir dessa troca, foram ouvidas as demandas dos estudantes, escolhido o tema e estruturado, de forma horizontal, o calendário das atividades.

As ações foram desenvolvidas na escola durante todo o mês de junho de 2025, com encontros semanais que duraram, em média, duas horas. A equipe de execução foi composta por três alunas do **Departamento de Psicologia, bolsistas do PIBID História e a professora responsável**. Toda a atuação ocorreu de forma colaborativa, tanto na elaboração quanto na condução das atividades com os alunos.

As atividades desenvolvidas incluíram rodas de conversa, produções artísticas, uma apresentação coletiva com exposição na escola e a ação “Carimba pela Diversidade”. As ações foram voltadas para turmas do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, com uma média de 30 alunos participantes por encontro. Utilizaram-se recursos como slides, materiais para desenho, pintura, colagem e bandeiras temáticas. A metodologia adotada priorizou a horizontalidade nas relações e a aproximação com os estudantes, estimulando sua **participação ativa**.

Por meio de apresentações iniciais e perguntas norteadoras, estabeleceu-se um campo de interesses comuns, abrindo espaço para o diálogo e o acolhimento. Dessa forma, alinhado à proposta da pedagogia engajada, o projeto transformou o espaço escolar em lugar de

construção coletiva do saber e de vivência compartilhada, potencializando reflexões críticas e ações inclusivas.

REFERENCIAL TEÓRICO



A proposta pedagógica do projeto “Loucura, Gênero e Sexualidade” está fundamentada na perspectiva da pedagogia engajada, conforme desenvolvida por Bell Hooks em sua obra *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade* (2017). Para a autora, ensinar é um ato político que se torna verdadeiramente libertador quando rompe com a lógica bancária da educação e transforma a sala de aula em um espaço de diálogo, escuta, afeto e transformação.

Nesse sentido, o princípio da construção coletiva do conhecimento e da troca mútua entre aluno e professor constitui a base da abordagem adotada no projeto. A experiência pedagógica proposta buscou, portanto, promover um ambiente de aprendizado pautado na liberdade, na escuta e na corresponsabilidade.

A obra de Bell Hooks acompanhou a formação do núcleo da bolsa, no qual realizamos grupos de estudo periódicos dedicados à leitura e à discussão de seus textos. As experiências compartilhadas pela autora inspiraram esta e diversas outras atividades desenvolvidas na escola. Além disso, o projeto se fundamenta no aprendizado multicultural e no reconhecimento dos diferentes “códigos culturais” apresentados por Hooks, evidenciados ao longo de toda a prática. Estudamos referências, nos escutamos, produzimos arte e refletimos sobre quem somos e nossas diferenças neste mundo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da definição do tema e das datas, acordadas com a coordenação e o grêmio estudantil, as atividades foram iniciadas. Os encontros ocorreram nos dias 09, 16, 23, 25 e 26 de junho, sendo que os três primeiros foram realizados em sala de aula, com roda de conversa,

produção artística e apresentação, e os dois últimos dias foram destinados à ação “Carimba pela Diversidade”. As atividades foram organizadas em torno de três questões norteadoras: (1) Quais discursos sobre saúde mental chegam aos alunos? (2) Como os alunos contam quem



são na sociedade por meio da arte? e (3) De que forma o movimento e o esporte atuam na integração, no respeito e na valorização da diversidade?

No primeiro encontro, foi realizada uma roda de conversa com os alunos. O ponto de partida do diálogo foram questões relacionadas à loucura. Utilizando *memes* das redes sociais como recurso introdutório, estabeleceu-se uma ponte de aproximação e escuta, permitindo que os estudantes compartilhassem suas interpretações sobre o tema. Questões envolvendo a estigmatização dos CAPS (Centro Atenção Psicossocial) foram levantadas, e muitos alunos relataram experiências pessoais ou familiares relacionadas ao atendimento nesses serviços. Esse momento foi marcado por **falas potentes** e pela desconstrução de noções estruturadas sobre discursos de controle e higienização social.

Nesse sentido, foi apresentado o movimento da luta antimanicomial e seu vínculo com um processo histórico, em que a associação entre saúde mental e perigo se ancora em uma lógica sistêmica de exclusão, que atinge especialmente corpos considerados fora da norma produtiva, sendo atravessada por ideologias racistas, heteronormativas e patriarcais.

Estabeleceu-se, assim, uma conexão entre saúde mental, gênero e sexualidade, evidenciando como essas esferas se entrelaçam na produção de estigmas e violências. A participação dos alunos foi ativa, com envolvimento significativo ao longo do encontro, demonstrando tanto interesse reflexivo quanto disponibilidade para compartilhar vivências. Para alguns, o momento representou uma oportunidade de repensar suas concepções, para outros, foi um espaço de fala e identificação. A atividade se constituiu, portanto, como um exercício de **escuta**, acolhimento e construção conjunta do saber, em consonância com os princípios da pedagogia engajada.

O segundo encontro, realizado no dia 16 de junho, consistiu em um ateliê de artes. Esse momento foi pensado como uma forma de evidenciar as potências artísticas da comunidade LGBTQIAPN+, por meio da exposição de artistas da atualidade que utilizam a

arte como forma de expressão e trabalho. Através de uma apresentação em slides, foram exibidas imagens desses artistas, bem como de personagens de animações pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+, sendo questionado aos alunos quais deles conheciam. O retorno





foi bastante empolgante por parte da turma, que demonstrou identificação, noção e entusiasmo com as figuras apresentadas.

A proposta da atividade era, portanto, voltar o olhar para os próprios estudantes. Após a apresentação das referências, os alunos foram convidados a refletir sobre como gostariam de ser vistos pelo mundo, o que significa inclusão para eles e de que forma poderiam expressar isso por meio da arte. As produções elaboradas pelos alunos abordaram temas como gênero e sexualidade, mas também atravessaram questões de território, classe e raça. Alguns desenhos representavam a própria comunidade, os campos onde costumavam jogar bola, bem como ideias de amor, respeito e igualdade. Um dos desenhos mais marcantes trazia a frase: “**LGBT+** não vai pro inferno porque o arco-íris fica no céu”, demonstrando a dimensão política e afetiva das criações.

O encontro foi carregado de subjetividades e expressões diversas, dessa forma, fortalecendo a intenção inicial da atividade: criar um espaço de escuta, visibilidade e valorização das múltiplas formas de ser e existir. Nesse sentido, a diversidade interpretativa e artística expressa nas produções reafirmou a potência pedagógica do ateliê.

O terceiro encontro teve como foco a culminância das produções realizadas no encontro anterior. Os alunos apresentaram suas criações artísticas e compartilharam como se sentiram em relação aos encontros e às discussões vivenciadas. Além das apresentações, foram realizadas dinâmicas voltadas à expressão de sentimentos, como a construção de um mapa mental com palavras e frases que os estudantes associaram ao tema central do projeto. As produções foram expostas nos espaços da escola, carregando simbolismos importantes e deixando memórias afetivas e políticas sobre a experiência vivida.

Ao longo dos encontros, questões sensíveis emergiram nas falas dos estudantes e foram tratadas com escuta e cuidado. Nesse contexto, o apoio da abordagem psicológica se mostrou fundamental, contribuindo significativamente para o tratamento responsável e sensível dos temas abordados. Momentos como esses evidenciam demandas da comunidade escolar e fizeram do projeto um espaço de acolhimento, cuidado e escuta ativa.

Os dois últimos encontros foram dedicados à atividade “Carimba pela Diversidade”, aberta a toda a escola, organizada no formato de um campeonato com quatro partidas, semifinais e final. Os alunos formaram grupos com nomes escolhidos por eles mesmos; a final foi disputada entre os grupos “Meninas Superpoderosas” e “Tropa do CT” (em alusão ao





campo de treinamento), sendo o time das Superpoderosas o vencedor. Mais do que vencer ou perder, a proposta da atividade **foi articular o movimento** e o esporte como ferramentas de integração entre os alunos, promovendo o respeito e a **valorização da diversidade**.

A dinâmica favoreceu o trabalho em equipe, a participação coletiva e a possibilidade de **representatividade** dentro do espaço escolar. O jogo do “carimba” — ou queimada — foi escolhido por sua associação simbólica e afetiva com a comunidade LGBTQIAPN+, resgatando memórias culturais de socialização e pertencimento. A mistura dessas referências com os desejos e interesses dos alunos deu vida à atividade, encerrando o projeto com alegria, envolvimento e afirmação de identidades diversas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

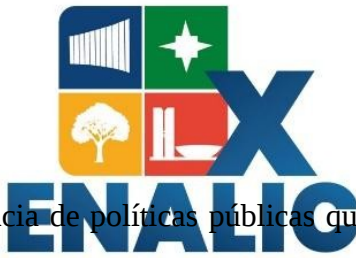
O projeto “Loucura, Gênero e Sexualidade” foi construído a fim de refletir sobre essas temáticas em um momento de tensão política, em um território marcado por violências, exprimindo esperança e afeto. O ambiente acolhedor e politizador viabilizou a abordagem de um tema frequentemente silenciado nas escolas, assim como os atravessamentos de raça e gênero. A articulação interdisciplinar com outra área do conhecimento tornou esses momentos ainda mais ricos para todos os que se fizeram presentes, revelando sobretudo a vitalidade da experiência, que ultrapassou os limites formais e os muros da escola.

Inspirado pela pedagogia engajada de Bell Hooks, o projeto se afirmou como um espaço de transgressão e liberdade, onde os estudantes puderam se expressar de forma criativa, construir vínculos e reelaborar sentidos sobre si e sobre o outro.

No entanto, a questão que emerge com força é: quais as formas de transbordar os conhecimentos desenvolvidos para além das dimensões do projeto? Essa pergunta convida à continuidade do trabalho por meio da inserção permanente dessas temáticas no currículo escolar, da formação contínua de professores para o acolhimento das diversidades e da criação

de espaços institucionais que fortaleçam práticas educativas antimanicomiais, antirracistas, antissexistas e antiLGBTfóbicas para além de ações pontuais.





Emerge, assim, a urgência de políticas públicas que garantam não apenas a presença, mas também a atuação efetiva de profissionais da saúde psicológica nos ambientes escolares, atuando de forma integrada com os professores. **A denúncia** da ausência dessas presenças é também um chamado à ação: por uma escola que acolhe, transforma e resiste.

REFERÊNCIAS

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.* Tradução de Sandra Regina Haydu. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido.* 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

